

O CONTRAPONTO DO EROTISMO NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA DE LUCI COLLIN E PATRICIA MELO

*Daniele Cristina Benicio dos Santos

RESUMO: *Nesse estudo, procuro estabelecer um diálogo entre as obras de Luci Collin e Patricia Melo, buscando focalizar o erotismo como recurso estético literário a partir do enfoque da dominação masculina proposto por Bourdieu. Optei por confrontar a proposta analítica do antropólogo francês à obra desses dois expoentes da literatura de autoria feminina porque acredito que O Matador e As Frases de Renda são exemplares na descrição do erotismo e aventam novas possibilidades de análise da subjetividade feminina seja projetando a mulher como autora, seja projetando-a como personagem no universo do falocentrismo.*

PALAVRAS CHAVE: *Literatura de autoria feminina – Erotismo – Dominação masculina*

ABSTRACT: *In this study I try to establish a dialog between the works of Luci Collin and Patricia Melo looking to the eroticism like aesthetic literary resource from the approach of the masculine domination proposed by Bourdieu. I opted to confront the proposal of the French anthropologist to work of these two exponents of the literature of feminine authorship because I believe that O Matador and Frases de Renda are exemplary in the description of the eroticism and they put forward new means of analysis of the feminine subjectivity's projecting the woman like author or projecting her like a character in the universe of the falocentrism.*

KEY WORDS: *Literature of feminine authorship- Eroticism- Masculine domination.*

INTRODUÇÃO

A literatura de autoria feminina surge num contexto emergencial como outras literaturas de caráter subversivo, dentre elas a literatura pós-colonial: esta, de acordo com Bonnici (2005), narra ficcionalmente eventos de povos colonizados e cria uma estética a partir do excluído. Considerada um tropo da literatura pós-colonial, visto as semelhanças entre a objetificação da mulher no patriarcalismo e do sujeito colonizado com o europeu, a literatura de autoria feminina aparece para desnudar "os processos que são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural" (BOURDIEU, 2007).

Encontramos na representação de uma literatura de autoria feminina uma tentativa de restituição, pois, do mesmo modo que a história, a literatura também produziu uma supressão das mulheres ocultando os sentidos, a subjetividade e sua produção na sociedade brasileira. Portanto, é necessário entender essa literatura como um fabuloso teatro em que se encena questões de alteridade, em que a mulher recupera sua voz e sua subjetividade extrapolando os limites da casa patriarcal, em que se discute também sua posição como sujeito no mundo, em que narra sua insatisfação com os

^o Mestranda em Letras/Literatura pela Universidade Estadual de Maringá. Especialista em Teoria Historico Cultural. / Email: stellabenicio24@hotmail.com

papéis de submissão e em que questiona os valores impostos pelo patriarcalismo que associou por muito tempo a imagem feminina aos cuidados domésticos, "tornando-a, assim, inferior dentro da hierarquia familiar, sacrificando nesta perspectiva sua própria identidade, pois, de tanto ser obrigada ideologicamente a viver sob a máscara da aceitação dos valores hegemônicos, perdia-se de si mesma" (Xavier 1991:12). Neste sentido, Luiza Lobo, professora de Literatura Comparada na UFRJ, afirma que "a acepção de literatura 'feminista' vem carregada de conotações políticas e sociológicas (...). Entretanto, o texto literário feminista é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e, portanto um sujeito de enunciação consciente de seu papel social".

Em sua proposição sobre o Feminismo e o Pós-Colonialismo, que "têm discutido sobre a política de representação e de identidade, especialmente através da linguagem" Bonnici (2005, p.29) aponta que:

O discurso e as teorias pós-colonialistas tiveram não apenas uma grande repercussão sobre a reflexão literária do cânone europeu, mas influenciaram o discurso feminista que, por si, não estava relacionado ao pós-colonialismo. Contudo, os indícios do feminismo no final do século XVIII, primordialmente pelo ensaio *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), de Mary Wollstonecraft, e ao longo do século XIX nos escritos de Jonh Stuart Mill, Sarah Stickney Ellis, Margaret Fuller, Dinah Maria Mulock e Walter Besant, aconteceram sintomaticamente no auge do imperialismo britânico (Abrams, 1979: 1650-1652). Enquanto as potências européias assumiam o domínio sobre grande parte das terras recém descobertas e partilhavam a África com voracidade assustadora (Lane, 1978: 196-206 e 295-297), a luta pelos direitos civis das mulheres e o surgimento de um novo imaginário explicitamente feminino nas obras de ficção (especialmente no início do século XX) começaram a produzir certos resultados favoráveis a uma teoria feminista (THOMSON, 1979, p. 187-189) (2001, p.153-154).

Na mesma linha de raciocínio, Elódia Xavier em "*Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*" constata a existência de uma autoria feminina "configurando uma produção literária, que se estende do século passado até hoje". De acordo com ela:

Na literatura brasileira, até o presente momento, considera-se o romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense, a primeira narrativa de autoria feminina. Com seu estilo gótico-sentimental, perfeitamente enquadrado nos padrões românticos, o romance reduplica os valores patriarcais, construindo um universo onde a donzela frágil e desvalida é disputada pelo bom mocinho e pelo vilão da história. (...) A obra de Clarice Lispector rompe com esse estado de coisas, pondo em questão as relações de gênero. Os contos de *Laços de família* (1960), - o próprio título é muito significativo -, tornam visível a repressão sofrida pelas mulheres nas cotidianas práticas sociais. O feminismo já havia desencadeado um processo de conscientização e a narrativa de autoria feminina vai incorporar as questões polêmicas contidas em *O segundo sexo* (1949) de Simone de Beauvoir (XAVIER, p. 1999)

Outro aspecto importante a ser observado na literatura de autoria feminina é a questão da alteridade, que, de acordo com Lobo:

Na literatura de autoria feminina, como na literatura de autoria negra ou africana, percebe-se a existência de um discurso de alteridade político, na medida em que seus representantes se assumam e se declarem como tal, isto é, como negros, negras, africanos, africanas, ou seja, como parte de uma etnia não prestigiada ou como mulheres. A literatura de autoria feminina se constitui naquelas obras em que a literatura se exerce como tomada de consciência de seu papel social.

Desse modo, perpassadas pelo processo de dominação, seja pelo patriarcalismo seja pelo sistema colonial, a literatura de autoria feminina edifica, por meio de sua estética, um processo de desnaturalização do constructo sobre a mulher no imaginário social, apoiando-se na escrita como artifício para reescrever sua história e desencorporar os esquemas inconscientes de percepção de mundo imposto pela dominação masculina. Lobo completa afirmando que "[a] alteridade da literatura de autoria feminina tornou-se assim a base da abordagem feminista na literatura. Ser o outro, o excluído, o estranho, é próprio da mulher que quer penetrar no 'sério' mundo acadêmico ou literário".

DESSACRALIZANDO A DOMINAÇÃO MASCULINA

Pierre Bourdieu (1930-2002) é um dos mais importantes intelectuais da França que se preocupou em edificar uma obra embasada numa pesquisa sobre a relação entre os sexos. Sua obra pontua a necessidade de uma ação coletiva de resistência feminina, objetivando a imposição de reformas nas estruturas políticas e jurídicas que altere a relação de forças – material e simbólica – entre os sexos.

Fruto de uma pesquisa na sociedade Cabila desde o início dos anos 60 "A dominação Masculina" (1999), é uma espécie de *Manifesto Feminista* em que o autor convida as mulheres a se articularem e se envolverem em uma ação política capaz de abalar as grandes Instituições, estatais ou jurídicas, que contribuem para eternizar a sua subordinação. Um aspecto importante levantado por Bourdieu, é que as mulheres devem atentar para aquilo que denomina de "violência simbólica, a violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce por vias simbólicas de comunicação e do conhecimento".

Ao empregar esse termo, Bourdieu falava abertamente da indiferença e despreocupação da sociedade com respeito a toda violência e negligência direcionada às mulheres, pois, segundo o autor, ao tomar o "simbólico" em um de seus sentidos mais coerentes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, o que não é o caso. O teórico pontua, em sua obra, falsos pressupostos comumente empregados e disseminados historicamente que transformam o arbitrário cultural em natural. Segundo Bourdieu (2007, p.18), há duas principais proposições para

isso: 1) a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discurso que visem a legitimá-la; 2) o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, *ao próprio corpo*, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social (ibid, p.18-20).

Enquanto o projeto canônico constituía em enaltecer a supremacia da literatura que inclui a descrição do universo feminino segundo a visão masculina e que carrega ideologicamente características androcêntricas, o "valor estético do texto, juntamente com a teoria e a crítica literárias, foram construídos histórica e culturalmente sob a égide do patriarcalismo" (BONNICI, 2000, p.154). "*A Dominação Masculina*" é sem dúvida a melhor atualização de tudo o que os estudos antropológicos e mais especificamente o Movimento Feminista reivindicava: uma vivência humana liberta de padrões opressores baseados em normas de gênero. O surgimento de uma literatura de autoria feminina nasce como um contradiscurso a toda construção hegemônica que vinha se estabelecendo ao longo da história. Nele a mulher deixa de ser uma personagem pensada a partir da visão masculina dos escritores e passa a ser sujeito na literatura.

LIBIDO DOMINANDI: A FETICHIZAÇÃO DO CORPO NA OBRA DE PATRICIA MELO

Considerada uma das mais importantes romancistas da atualidade e uma autora de temas complexos tais como violência, exclusão e desigualdade social, Patrícia Melo tem marcado sua presença no cenário literário brasileiro e internacional com obras lançadas em nove países. Sua obra interroga temas complexos, tais como a violência urbana e o universo social dos que vivem na periferia e que experimentam a exclusão social. Em seus três primeiros romances, Melo dedicou-se a investigar a mente de criminosos. Segundo a autora, os indivíduos não nascem com a bondade inscrita na alma, antes, essencialmente, com uma disposição para a maldade; assim, o sujeito deve aprender a ser bom.

Encontramos em *O Matador* (1995), um exemplar de narrativa em que uma mulher autora toma a palavra e nos mostra o universo de uma mente criminosa, a narração se dá através de Máiquel, que, devido a uma aposta, envolve-se no mundo do crime, cometendo uma série de assassinatos.

Situados no contexto de produção e no universo da escritora, o leitor deste artigo deve estar se perguntando, a essas alturas do texto, onde situa ou se encaixa o erotismo e a dessacralização da dominação masculina na obra desta autora?

No romance *O Matador*, percebemos nas atitudes do protagonista as marcas ideológicas da dominação, seja nas descrições das práticas sexuais, seja na descrição de seu universo psicológico, evidenciado com profundidade pela narrativa em primeira pessoa do singular:

na minha família homens não costumam chorar. Não por causa do machismo, embora sejamos machistas. Não choramos porque também não rimos, não abraçamos e não dizemos palavras gentis. Não mostramos nada que acontece embaixo de nossa pele. Isso é "educação" (MELO, 2003, p.17).

É, também, a essência da relação social de dominação, incorporada por Máiquel que é construída através do binarismo entre masculino ativo, e o feminino passivo. Ora, deixar-se invadir e controlar por sentimentos e por atitudes gentis é coisa de mulher. Lembremo-nos de que os homens situam-se do lado da razão, do "duro" e do "sério". Além de portar essas características, o protagonista desse romance não passou por um processo de humanização: seus gestos são rudes, e ele é agressivo. Essas marcas se externalizam no primeiro coito de Máiquel com Cledir – passagem que evidencia o corpo feminino como materialização da dominação, o corpo como "locus" do exercício do poder:

Empurrei-a no chão, tentou se levantar puxei-a pelos pés, ela caiu, bateu a cabeça, começou a chorar e isso me deu mais vontade de entrar na caverna o abismo, a floresta ela travou as coxas, gritou, eu tapei sua boca com almofada, abri sua perna com meus joelhos, meti meu pau na floresta, parece que tinha uma parede dentro da boceta dela, derrubei a parede e gozei. Fui para o banheiro, meu pau, estava cheio de sangue. Porra, a parede, que cagada, Cledir era virgem. Voltei correndo para a sala, mas ela já tinha ido embora (MELO, 2003, p. 28).

Perceba que o narrador descreve a construção da genitália feminina como "uma parede", e carrega de simbologia a descrição de seu objeto de desejo: o corpo da mulher como um corpo possuído, dominado "derrubei a parede e gozei". O corpo como mistério, segredo, o corpo fetichizado através da floresta, da caverna e do abismo – construções que simbolicamente indicam o desconhecido. A esse respeito Bourdieu assevera que:

a vagina continua sendo constituída como um fetiche e tratada como segredo e tabu" (...) o erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objeto" possuir sexualmente é (...) dominar no sentido de submeter a seu poder, mas significa também enganar, abusar, ou como nós dissemos "possuir" o ato sexual é concebido pelos homens como uma forma de dominação, de apropriação, de posse (2007, p.26)

De acordo com Bourdieu (2007, p.31), "se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação é porque ela esta construída através do princípio de divisão

fundamental entre o masculino ativo, e o feminino, passivo". Para o antropólogo, "este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo masculino como desejo de posse, de dominação erotizada": "Eu estava pronto para invadir, conquistar, arrancar, deixar marcas. Ela estava pronta para ser dividida ao meio, duas Éricas, um oceano sairia do meu corpo" (MELO, 2003, p. 55). Esse excerto evidencia que o sexo define como dominadores (se masculinos) ou dominados (se femininos).

Retratada a brutalidade com que o protagonista possui sua conquista amorosa, invadindo a floresta (metaforicamente representada pela vagina) como um colonizador que invadia o Novo Mundo possuindo a terra (metáfora do corpo feminino), essas atitudes não se dão inconscientemente: "ela continuava tomando banho, a bunda, uma bunda maravilhosa, desabotoei a calça e segurei meu pau e fechei os olhos e pensei que o homem é forte, o homem luta, o homem vence, o homem conquista, o homem cria, o homem constrói"(ibid., 2003, p.75); mas, conforme Climaco (2008), essas atitudes revelam que "Os homens têm maior consciência da violência que exercem sobre as mulheres do que elas têm da que deles recebem." Em contrapartida temos o que Bourdieu caracteriza de "o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação" (2007,p.31). Vejamos como as ações do protagonista legitimam e naturalizam a maneira masculina de dominação:

Sempre exagerei no sexo, porque as mulheres me ensinaram que era preciso exagerar. Perguntem o que elas querem e elas vão dizer: foda-me. Faça meu coração doer. Faça eu gritar. Faça alguma coisa. Vão dizer: espremam a fruta e tirem o suco. É isso. Mulheres gostam de tropas, cavalos, lanças, coisas que invadem e conquistam. Coisas que dominam e trazem paz. Coisas que ocupam e deixam marcas (MELO 2003: 35)

Reconhecendo o erotismo como uma construção discursiva que lida com o desejo sexual e com a representação do sexo, reconhecendo que o corpo feminino é tido como objeto de posse e que a linguagem não pertence à mulher, sendo uma estrutura dominada pelo homem, podemos afirmar que o erotismo presente como forma de expressão na ficção de Patricia Melo é um veículo representativo da difusão dos anseios e da manifestação dos desejos. A autora utiliza o erótico para verbalizar a tensão existente entre a revelação e a constatação da arbitrariedade da dominação masculina e vê na representação literária de expressão feminina uma forma de transformar o imaginário social e criar situações que questionam as construções estabelecidas, subvertendo-as, promovendo alternativas críticas e rejeitando o dado e a construção pré-estabelecida.

E, para realizar este empreendimento, basta-nos focar nas atitudes do protagonista. Podemos considerar que a autora atinge o objetivo de uma literatura subversiva, pois sua narrativa nos permite analisar que sua obra objetifica o homem, uma vez que "a objetificação do homem se realiza quando ele é inscrito como violento ou terrivelmente sexual" (BONNICI, 2000, p.169). Isso é perfeitamente verificável logo nas primeiras páginas do livro: "Fiquei com vontade. Arlete recuou, com cara de boba,

mas eu agarrei seu corpo (...) levantei seu vestido (...) Arlete a égua (...) eu o cavaleiro, minha tropa de cavalos” (MELO, 2003, p.09). Perceba que, novamente, a autora trabalha com elementos simbólicos, a égua que entre os psicanalistas é um arquétipo muito próximo da mãe, como é o caso da deusa da fertilidade grega Deméter, e o Cavaleiro que é um símbolo de triunfo, poder e glória, simboliza um plano superior e divino, uma espécie de elite a que poucos têm acesso.

Conscientemente ou não, é parte do projeto inicial da produção literária autenticamente feminina fazer a travessia pelo universo masculino, estar no lugar do outro e experimentar falar do seu lugar, do lugar da dominação. No entanto, a autora desconstrói o universo masculino no exercício de sua escrita. Além de objetificar o homem como violento e sexual, ela conclui seu empreendimento quando mostra que a transformação do jovem, pobre e sem expectativas do subúrbio, em um matador profissional, ocorre através da mente, da subjetividade e da construção de uma mulher. "Érica não parava de falar coisas interessantes e isso me enchia de tesão, me enchia de vontade de foder, de engolir Érica, de colocar minha bandeira naquele território"(ibid.,2003, p.89). Érica, mulher sujeito, é quem ensina ao protagonista a arte da concentração: ela o veste de preto, e, por meio desta construção que vai da mudança de vestimenta ao encorajamento e à autoconfiança. é que ela forma o matador. No entanto:

mesmo desbiologizando-se ou desnaturalizando-se esses dois pólos do sistema de sexo/gênero e demonstrando-se que as fronteiras entre esses nunca foram tão fixas e impermeáveis quanto se supunha, é fundamental reconhecer que uma força centralizadora, hegemônica, centrípeta continuou e continua a atuar nos grupos sociais contemporâneos, e que essa força ou centro de poder ainda é mais identificado com aquilo que se costumou chamar de ‘masculino’” (SHNEIDER e GAMA 2009, p120).

Em outras palavras, a escritora usa sua escrita como uma possibilidade de revelar as contradições do discurso androcêntrico. Ao apresentar duas personagens femininas com traços psicológicos distintos, ela se recusa à passividade e interpela a posição das mulheres de um modo geral. Seu romance oferece um diálogo no qual a escritora tenta explicitar as muitas faces da dominação: a da mulher e a do sistema que domina e objetifica o homem marginalizado. Afirmar a masculinidade e manter sua honra requer esforços muito caros para os homens e responder positivamente ante as demandas da sociedade não deixa de ser produto das relações sociais de gênero. Dessa forma, não priva o homem de sofrer, também, a violência simbólica exercida pelo poder.

O CONTRAPONTO DO EROTISMO FEMININO

Apresentando uma abordagem diferenciada, Luci Collin agrega a este ensaio, ao lado de Melo, o contraponto do erotismo na literatura de autoria feminina. Com o conto “*As Frases de Renda*”, extraído de *Inescritos* (2004), a autora nos transporta do

universo realista, conturbado e urbano de *O Matador*, conduzindo-nos por uma viagem instintiva e romântica. Seus textos "parecem evocar uma estranha familiaridade, como se estivessem sempre à espera da interpretação, reclamando leituras" (TEIXEIRA, 2004, p.25).

Doutora em letras pela USP, Luci Collin recebeu premiações em concursos de literatura no Brasil e nos EUA, participa de antologias nacionais e internacionais com publicações de contos e de poesias. Em entrevista concedida ao jornalista Rodrigo de Souza Leão, co-editor da revista Zunái – Revista de Poesia e Debates –, questionada sobre uma literatura feminista, Collin afirmou que não acredita numa "ideologia do feminino" e que sua obra não apresenta essa característica, pois não vê imposições das idéias do masculino e do feminino como contendoras, para ela são existenciais altamente complementares, princípios indissociáveis. Segundo Collin a sensibilidade do autor parece ser assexuada (Junho, 2005).

A publicação de *As Frases de renda* contribui substancialmente para a consolidação de um gênero literário de autoria feminina, pois desenha a essência feminina e marca com profundidade a representação masculina, transparecendo em sua prosa as marcas ideológicas da dominação ainda que a autora afirme que sua obra não tenha pretensão de ser engajada ideologicamente com o feminismo. Embasados na máxima de que o não posicionamento diante de uma causa, não significa neutralidade, mas uma tomada de posição, confirma-se que a literatura de Collin é aquela desenvolvida por uma mulher, que escreve sobre sua classe dentro do constructo do que é ser uma mulher, das implicações desse evento, expondo as questões que concernem à sua existência de mulher numa sociedade falocêntrica.

O ponto de vista que conduz a perspectiva de *As Frases de renda* é feminino. Narrado em terceira pessoa, a personagem-narradora expõe suas considerações sobre a construção masculina, diferente de *O Matador*. No romance de Melo, evidenciava-se a dominação masculina que perpassava o discurso do protagonista, legitimando-se através de suas ações, enquanto, em Collin, acontece o inverso: "Queria lhe entregar segredos, frases feito uma renda, mas ele tinha pressa: queria a maciez das coxas e nem sutilmente; queria era sua própria vitória sobre aquele complexo menor que era eu" (COLLIN 2004, p.87), a personagem fala do lugar de quem quer ser vencida, dominada. O erotismo presente nessa obra evidencia o que o antropólogo francês classificava como "o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada".

Assim, ao longo do conto, vem-se confirmando a existência de um sujeito de enunciação que se assume objetificado: "Pretensamente menina, desde que o vira era a mulher mais antiga, a mais hábil, a que então desejava carícias inexpríveis e ele um sábio e ele um leão faminto tomava as partes inocentes do corpo da fêmea e as transformava em chamas irreversíveis em espirais impagáveis" (ibid.,2004:88). Consciente ou inconscientemente vemos nos excertos uma espécie de retorno à dependência e devoção masculina e porque não dizer à fetichização do homem que encerra características de ferocidade, de virilidade e de sabedoria. Máiquel invadia, conquistava com brutalidade, demarcava seu território; ele se empunha e impingia seu

desejo de sexo. A narradora de Collin pelo contrário deseja ser devorada e possuída por esse sábio, leão faminto. Nesse contexto Bourdieu assevera:

A dominação masculina que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (*esse*) é um ser percebido (*percipi*), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se esperam que sejam “femininas” isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas e até mesmo apagadas (2007, p.82).

Como mencionou Bourdieu, é atraente, dotada de fragilidade, a submissão por que se caracteriza a personagem de *As Frases de renda*, "quebradiça, delicada, única, precisava porque era mulher, porque as frases na sua própria língua se acumulavam e se pudesse sequer uma sílaba?" "Ele as carícias precipitadas, nos olhos de uma fome como nunca vira (...). O corpo aquele grande corpo de homem, gigante, maior, consenso, sobre o seu. Infilosófico. Árido. Irrecusável". E é assim também que a ideologia patriarcal reforça as representações do feminino caracterizando-a como:

Frágil, moralmente fraca, vil, incapaz, intelectualmente pouco dotada e, reforçando uma inclinação natural para a família, os ideólogos burgueses se esforçaram ‘cientificamente’ em explicar a inferioridade das mulheres, afirmando que o estado de humilhação destas na sociedade se explica por suas particularidades biológicas (ALEMBERT 1986, p. 3; MATOS 2008, p.16).

Ao colocar a personagem feminina como referencia de mulher na narrativa – "porque era mulher" – Collin inverte a ordem axiológica empreendida pela literatura feminina, enquadrando-se num estilo sentimental, perfeitamente cabível aos padrões românticos, visto que reduplica os valores patriarcais, desenhando uma narrativa em que a mulher é vista como uma donzela frágil. A personagem internaliza, do mesmo modo que Máiquel, os valores da dominação; mas, enquanto ele exerce o poder e a violência, ela sofre essas consequências, sofre consciente, querendo sofrer, querendo ser ludibriada:

Embora não falasse a língua dela e ela mal compreendesse o que ele queria dizer, sabia: estava mentindo. Eram os olhos daquele homem que redigiam inverdades. Eram as mãos apressadas que procuravam no escuro o prazer imediato e negavam o cuidado de que ela, quebradiça, delicada, única, precisava _ porque era mulher, porque as frases na sua própria língua se acumulavam e se pudesse sequer uma sílaba? (COLLIN 2004, p.88)

Nesse excerto, encontramos duas possibilidades de análise: a primeira e, possivelmente, a menos evidente porque se camufla nos meandros da dominação é a de uma mulher astuta: "sua visão de mundo, sua sensibilidade e sua extraordinária intuição conseguem penetrar onde a objetividade fria do homem se anula e se perde" (CAMPOS;

MIGUEL, 2008), a narradora lança o primeiro olhar crítico para o homem. Embora não fale a língua da dominação e não se posicione no lugar do outro, ela sabia que ele estava mentindo e que seus olhos redigiam inverdades. No entanto, a segunda possibilidade analítica e a mais evidente se deve ao fato de que a mulher aceita o domínio falocêntrico e reconhece com certeza que ela é e sempre será dele.

Isso evidencia que a narração caminha de uma ascensão do homem e de um elogio à dominação, para uma desconstrução desse empreendimento. O método desconstrutivista da narradora subverte a manipulação masculina da verdade e reforça o poderio linguístico feminino (BONNICI, 2000, p.171). No entanto, ao final do conto, a narradora se rende e constata a dominação masculina – "ele apenas tomando o que com certeza fora sempre tão somente seu" (ibid; p.88) –, evidenciando que a mulher sempre viveu sob a égide do patriarcalismo e que não pode pensar uma situação diferente.

Vale destacar que a análise das duas obras dão margem a várias leituras, inúmeras interpretações à luz de teorias críticas diversas. Ao relacionarmos o literário a sua exterioridade articulamos de modo particular conhecimentos dos campos das Ciências Sociais e Psicológicas e da História, ainda que o projeto inicial de ambas as autoras não pretendessem tal empreendimento, como evidenciou Collin ao afirmar que sua obra não esta atrelada a qualquer *ideologia do feminino*. Portanto, gostaria de enfatizar que enquanto leitores, talvez, não nos atentemos a determinados aspectos, mas que enquanto estudiosos estes aspectos não poderiam passar despercebidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens analisadas neste artigo são exemplos da forma com que a literatura de autoria feminina tem apresentado a mulher, oscilando entre momentos de contestação e resistência, percebidos na voz de Érica em *O Matador* (1995) de Patrícia Melo e com exemplos de manutenção e de reafirmação dos moldes ideológicos do patriarcalismo, verificados na personagem Cledir e, também, na narradora de *As Frases de Renda* (2004) de Luci Collin. Portanto, não podemos afirmar que a literatura de autoria feminina apresente a identidade da mulher libertada da influencia patriarcal; ao contrário, vimos que ela trabalha na construção de distintas personalidades.

A personagem Érica é exceção, de maneira que é a única mulher da trama que impõe sua subjetividade e se apresenta como mulher sujeito, dona do conhecimento, conhecedora de outro idioma, é a única que é admirada por sua inteligência e não só pelas possibilidades do corpo. Já Cledir e a personagem de *As Frases de Renda* vinculam-se ao ideal da dominação como mulher objeto: frágil e objetificada por Máiquel, no segundo caso pelo "leão faminto". Simboliza a forma como a literatura hegemônica apresentava a mulher na maioria de suas ficções: como personagens que encerram papéis que asseguram os valores patriarcais como já foi mencionado, uma mulher frágil que tem sua vida nas mãos de um vilão (Máiquel) ou um mocinho e, com papéis secundários.

Essa invisibilidade que cerca as mulheres nas tramas deve ser vista com atenção, principalmente numa fase em que é corrente a busca de sua visibilidade e de questionamentos sobre seu *status*. Não podemos nos esquecer de que a dominação masculina inseriu-se nas sociedades, transformando o arbitrário cultural em natural, o que de certa forma impedia uma crítica sistemática. No entanto, experimentamos discursos de objetificação intencionalmente elaborados, discursos que, além da contribuição masculina, contam com o assujeitamento das próprias vítimas. Sob esse aspecto quando vemos uma personagem como a descrita por Collin e Melo, representando um papel de assujeitamento e objetificação do corpo, não devemos pensá-las como reflexo da realidade, mas talvez, como um desejo inconsciente de manter a mulher nos limites da casa patriarcal.

A possibilidade de leitura apresentada neste ensaio permite que se questione, que tipo de identidade feminina as literaturas de autoria feminina querem construir. Mais subversivas Éricas ou mais românticas? Enfim, ao recusar a passividade naturalizada, as obras permitem questionar sobre a posição das mulheres de um modo geral.

REFERENCIAS

- BONNICI, Thomas. *O Pós-colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- _____. *Conceitos Chave da Teoria Pós-colonial*. Maringá. PR: Eduem, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*; tradução Maria Helena KUhner- 5. ed._ Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 160p.
- CAMPOS, L. A.; MIGUEL, L. F. O Oito de Março no Congresso: representações da condição feminina no discurso parlamentar. *Cadernos Pagu*. Campinas. n.31. jul./dez. 2008. p. 471-508.
- CLIMACO, D. *Das transformações da dominação masculina*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332008000100024 Acesso em maio de 2010.
- COLLIN, Luci. *Inescritos*. Travessas dos editores, 2004 Curitiba –Pr.
- LEÃO, Rodrigo de Souza. *Entrevista: Luci Collin*. Disponível em HTTP://www.germinaliteratura.com.br/pcruzadas_jun2005.htm Acesso em 14 de maio de 2010.
- LOBO, Ligia. *A literatura de autoria feminina na America latina*. Disponível em <HTTP://lfilipe.tripod.com/LLobo.html> Acesso em 13 de maio de 2010.
- MATOS, V. C. S. *Um estudo teórico na perspectiva historiográfica: articulando gênero e classe no processo de produção e reprodução da força de trabalho*. Antíteses. Londrina, Ahead of Print do vol. 1, n. 2, jul./dez. de 2008.
- MELO Patrícia. *O Matador*. Editora Companhia das Letras, 2003.
- SCHNEIDER, Liane; GAMA, Glória. *Diferença e relações de poder na literatura de escritoras contemporâneas: uma análise de “Flor de cerrado”*, de Maria Amélia Mello. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 119 - 126, jul./dez. 2009.

TEIXEIRA, Débora Thomé, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *REVISTA PERSPECTIVA*, v.21 n.1, jan/jun 2003. Editora da UFSC: NUP/CED. Florianópolis.

XAVIER, Elódia Carvalho de Formiga. *Reflexões sobre a narrativa da autoria feminina*. In: XAVIER, Elódia Carvalho Formiga (org.). Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991. P.9-16.

_____. *Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória*. Disponível em http://www.litcult.net/revistamulheres_vol3.php?id=225 Acesso em 13 de maio de 2010.